

MEMÓRIAS DE INFÂNCIA EM OSWALD DE ANDRADE

Simone de Souza Braga Guerreiro (UERJ)
simbraga@hotmail.com

Surge a necessidade de contar quem se é, dar seu testemunho, desvendar-se. Impulsionar um projeto que é guiado pela tentativa de recuperar um passado que valorize uma imagem de si. Contar uma história possivelmente confiável, substituir o espelho. Evocar lembranças de infância, as imagens mais remotas; um pai sentado à cabeceira da mesa, uma mãe rezando diante de um oratório. Lembranças de um adulto que puxa da memória, consulta seus arquivos e reconstrói cenas que pareciam perdidas. São fatos que deixam entrever uma vida; retratos, rastros de uma história contada por um tio, um botão que restou da roupa corroída pelo tempo, corrosão esta que também ameaça a memória.

Enquanto experiência, a infância tem um lugar privilegiado na memória. A criança é a protagonista que fala pela voz do adulto, já que a infância é reconstituída por ele. É ele que organiza e dimensiona a narrativa, e quando o autobiógrafo olha retrospectivamente sua infância

Está suficientemente longe do momento da escrita para ser vista como uma unidade independente, com a qual o adulto pode lidar com simpatia, mas à distância; está endossada pela mais elementar e inquestionável das legalidades, a certidão de nascimento, e, finalmente, de acordo com uma convenção narrativa que vê a topologia e a genealogia – o onde e o de onde – como começos necessários ao relato de uma vida, parece bastante inevitável. (MOLLOY, 2003, p. 131)

Assim, o sujeito-narrador de *Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe* inicia o contar a si mesmo pelos preâmbulos da infância. Algumas lembranças lhe parecem bem nítidas, outras se mostram esparsas, fragmentárias, a mãe, o pai, São Paulo do início do século XX, a escola e o primeiro contato com a literatura.

O exercício de memória do autobiógrafo em testemunhar aquilo que já não existe faz com que sua memória seja um triunfo contra o tempo. Reviver, refazer, reconstruir, repensar. A memória é essa reserva, crescente a cada instante, que dispõe da totalidade da nossa experiência adquirida. Ser o guardião das histórias da família, do grupo, da instituição, da sociedade. Este é o poder de Mnemósine, a deusa da memória que dava aos poetas e adivinhos a possibilidade de voltar ao passado e trazê-lo para a coletividade, conferindo imortalidade aos mortais, pois

quando se registram os atos, os feitos e as palavras dos seres humanos, eles nunca serão esquecidos; tornar-se-ão memoráveis, não morrerão jamais.

Oswald de Andrade nasceu ao meio-dia de 11 de janeiro de 1890, na cidade de São Paulo. Embora crescendo em ritmo acelerado, com gente vindo de todas as partes do Brasil e do mundo, São Paulo ainda trazia uma estrutura de caráter rural, com suas estreitas e pacatas ruas, nesse fim de século XIX. A infância de Oswald de Andrade se passa nesta cidadezinha provinciana. Nas ruas da infância de Oswald de Andrade vive-se um tempo mais lento, “Tempo em que as crianças se divertem brincando na rua, nos largos, nos quintais de casas humildes, nas praças públicas, nos jardins dos casarões.” (FONSECA, 2007, p. 27). No entanto, o filho único de Inês Henriqueta Inglês de Sousa Andrade e de José Oswald Nogueira de Andrade, “dois velhos solitários e religiosos”, conforme definição do próprio Oswald, é criado sem a liberdade das ruas, fato este também relatado em sua biografia escrita por Maria Augusta Fonseca: “Sendo o único filho vivo, e de pais mais velhos, o menino é zelosamente guardado. Oswald não tem acesso ao turbilhão infantil de rua, e divide seu espaço de casa com os empregados e com as raras visitas dos primos.” (FONSECA, 2007, p. 37)

Um homem sem profissão: sob as ordens de mamãe relata a infância, adolescência e primeira mocidade de Oswald de Andrade, de 1890 a 1919. Percebemos em suas memórias que, com relação à técnica de criação, há uma divisão bem delineada entre o período da infância e o da mocidade. Quando as memórias se referem à infância, vemos que seu processo de composição se caracteriza pela continuidade, pela sequência linear. A partir da juventude, mesmo sem deixar de existir um fio condutor cronológico, o autor põe em prática procedimentos de composição em que estão presentes o “estilo telegráfico”, blocos curtos que vão se justificando de maneira fragmentária, próximos dos recursos estilísticos e estruturais desenvolvidos em suas obras de ficção.

Por esse prisma, as memórias de Oswald de Andrade podem ser divididas em duas partes: uma dedicada à infância e outra dedicada à primeira mocidade. Mas em seu discurso autobiográfico não deixa de haver uma coerência entre a infância e a vida adulta.

O menino recriado traz a tendência em negar as normas estabelecidas pelos padrões da sociedade de seu tempo. É essa postura que orienta o autobiógrafo para a sua escrita. Ele seleciona, como primeira lembrança,

um acontecimento que funciona não só como o despertar para a sexualidade, mas também como o despertar para uma nova consciência moral. A imagem que o adulto resgata revela que um papel revolucionário é importante para o inventário de si mesmo. A primeira lembrança que sua memória consegue alcançar e que ele escolhe para contar traz à luz uma vivência da primeira infância que está relacionada às sensações de seu corpo:

A mais longínqua lembrança que tenho de vida pessoal, destacada do cá-lido forro materno que me envolveu até os vinte anos, foi de caráter físico sexual, evidentemente precoce. Está ela ligada à casa em que morávamos na Rua Barão de Itapetininga, de jardimzinho ao lado. Sentando-me à porta da entrada e apertando as pernas senti um prazer estranho que vinha das virilhas. Que idade teria? Três ou quatro anos no máximo. (ANDRADE, 1976, p. 6)

A “primeira lembrança” é a revelação de sua primeira experiência de prazer sexual, da satisfação com seu próprio corpo. No momento da escrita, o autobiógrafo traz a consciência do prazer vivenciado. Ao abrir os capítulos das memórias infantis com esta lembrança, ele deixa transparecer o quanto os impulsos sexuais da infância são importantes para a construção de sua autoimagem.

Considerando a geração e o extrato social a que pertencia Oswald de Andrade, e sabendo que sua família era ideologicamente comprometida com a moralidade da religião católica, é natural que o desejo sexual esteja ligado à noção repressora de pecado. E, à primeira vista, são as proibições sociais que impulsionam o propósito de transgressão do adulto Oswald. O autobiógrafo retorna ao passado em busca da recuperação de experiências que justificam o seu presente. Situações que, obviamente, não são compreendidas pela criança, pois é a primeira pessoa no momento da escrita que decifra e compreende vivências sexuais infantis e as possíveis barreiras contra suas manifestações espontâneas. Mas quando Oswald de Andrade pontua as primeiras manifestações de sua sexualidade, vemos que estas questões se refletem na trajetória da vida do escritor, em sua relação com as mulheres e nos questionamentos que faz à sexualidade reprimida do início do século XX e no deslumbramento com a liberdade sexual vivenciada nas primeiras viagens à Europa.

A tematização do sexo aparece através de outras evocações. O autobiógrafo seleciona o episódio de sua ida ao circo: “O circo foi um deslumbramento céu aberto na secura de emoções que me cercava.” (ANDRADE, 1976, p. 7) A criança solitária vê subvertida a monotonia do cotidiano com o convite de seu tio Marcos à matinê circense. E surge o motivo central de seu encantamento, as moças de maiô que se apresentavam

no circo: “As mocinhas de maiô entraram em meus olhos e aí permaneceram. Nas noites de camisolão, elas foram meu pasto e minha festa.” (ANDRADE, 1976, p. 7). Depois do espetáculo, era em seu quarto silente e decorado com as litografias de santos de todos os feitos que encontrava os “motivos” para a elaboração noturna de suas fantasias sexuais:

Então se descerravam os umbrais de meu mundo secreto. Geralmente uma daquelas moças tinha partido o calção na ginástica e subia os degraus da galeria para que eu o ajustasse. O camisolão azul era o pano do circo que o mastro central enfunava. (ANDRADE, 1976, p. 7)

Uma imagem puxa a outra e o alubrimento do menino paulista continua quando, em certa ocasião, ao ir à missa da Consolação, “passava sob um terraço de casa familiar, onde estavam sempre dependuradas algumas meninas, lambiscava com os olhos os contornos brancos que se revelavam sob as saias flutuantes e curtas.” (ANDRADE, 1976, p. 8) Na narrativa memorialista de Oswald de Andrade estes episódios em que estão presentes referências ao corpo são muito significativos; parece que o autobiógrafo deseja desconstruir a todo instante o que resta do mito da inocência e pureza infantil que costumou gerar, na concepção adulta, o equívoco de que a pulsão sexual estaria ausente na infância. Ademais, esta pulsão sexual infantil, considerada quase sempre “precoce”, era frequentemente reprimida pela sociedade e, principalmente, pela tradição católica. A presença da fé católica era um fato na vida de seus pais e as práticas religiosas faziam parte da infância do menino: novenas, missas, solenidades católicas envolviam seu cotidiano. Era nas igrejas que se acostumava ao ritmo cantado das ladainhas e ao incenso das naves. É evidente que, por causa da educação religiosa, os “brinquedos do sexo” poderiam representar o tormento da culpa: “Tinha medo de ser surpreendido e sofrer uma repreensão. Mas de fato, no meu íntimo não acreditava em pecado.” (ANDRADE, 1976, p. 8) O olhar do autobiógrafo não abandona a tendência em dar uma nova dimensão aos impulsos eróticos da criança que está sendo construída em sua narrativa. A rememoração das primeiras experiências do prazer sexual traz a impressão de que o escritor deseja ultrapassar as barreiras da própria criação e das convenções sociais da época.

Ao avançar na escrita autobiográfica, Oswald de Andrade busca, na evocação das origens, o inventário familiar. As memórias de infância e as histórias de família se confundem. Construindo o romance familiar, o autobiográfico se utiliza do passado da família como estratégia de autorrepresentação significativa. A história familiar é uma oportunidade poética na evocação das memórias de infância. Uma lembrança que che-

ga ao autobiógrafo não como coisa morta, mas viva como um fato presente, cenas indelevelmente gravadas ou absorvidas em espessas trevas. Ao registrar a trajetória de seus antepassados remotos, o autobiógrafo recorre a lembranças daqueles que fazem parte de seu clã familiar.

E a voz da reminiscência vem de sua mãe, Dona Inês, que, no sofá de palhinha da sala de jantar, narra um pouco de suas histórias remotas: “Falava sempre da família e assim vim a saber que éramos descendentes dos *Fidalgos de Mazagão*. (...) A história da nossa ascendência vinda dos *Fidalgos de Mazagão* ficou como fundamento de nossa secreta herança de bravura e estoicismo.” (ANDRADE, 1976, p. 19) Detalhes que possivelmente seriam comprovados pela documentação “– Está no Southey! – afirmava um tio meu gordo e careca. Estaria no Southey?” (ANDRADE, 1976, p. 19)

Num exercício de nostalgia, Oswald de Andrade procura capturar as fábulas de origem dos antepassados de sua mãe como quem deseja ser perpetuado. É no que resta dos relatos de seus pais que se pode aprender sobre a história das gerações anteriores, e é também nesse arquivo familiar que o autobiógrafo se constrói.

A história dos defensores de Mazagão é reconstruída para satisfazer as exigências do presente. Por isso, para o autobiógrafo, a preocupação com a autenticidade dos fatos não importa, ele tem consciência de que marcar a distinção entre realidade e ficção não faz parte de suas preocupações:

Lenda ou fato? Não importa. Há entre ambos a diferença que vai da verdade à realidade. A verdade é sempre a realidade interpretada, acomodada a um fim construtivo e pedagógico, é a *gestalt* que suprime a dispersão do detalhe e a inutilidade do efêmero. (ANDRADE, 1976, p. 19)

Sua mãe ainda contava, com grande ânimo, vários episódios do desembargador Marcos Antônio Rodrigues de Sousa, avô materno de Oswald que se honrara em lutas cívicas pela moralidade e pelas causas liberais. As memórias são capazes de ressaltar vidas comuns, figuras alçadas da realidade, e que, pela evocação exaltada, transfiguram-se em importantes personagens literárias.

Foi da estrutura patriarcal e latifundiária mineira que se originou seu pai e daquela erige também a identidade familiar do autobiógrafo. Há a necessidade de Oswald de Andrade conhecer a herança, o orgulho do encadeamento de gerações, o caráter de seus membros, com seus defeitos

e suas qualidades. Estes são os grupos familiares que formam o tronco da árvore genealógica do escritor.

Os perfis familiares que brotam dos fatos pretéritos, que foi repassado ao menino e que vai se prolongar até o adulto é o que impulsiona a escrita de quem deseja construir uma autoimagem. O autobiógrafo desenrola o fio da trama familiar e neste vínculo genealógico subjaz, também, uma necessidade de encontrar a brasilidade em suas próprias raízes.

Na galeria dos personagens de sua família, sobressai o irmão de sua mãe, o escritor Inglês de Sousa, autor de *O Missionário* e um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Herculano Marcos Inglês de Sousa possuía ótima reputação na família, e este fato faz com que, ao anunciar seu desejo de seguir a carreira literária, Oswald de Andrade não sofra nenhum desagrado por parte seus pais. Segundo o autobiógrafo: "Sendo ele um literato, não sou mal essa palavra em casa, quando muito cedo, eu me declarei também disposto a escrever." (ANDRADE, 1976, p.9) Graças ao seu tio Inglês de Sousa, que, além de escritor era grande advogado, autor do Código Comercial da época e deputado e líder da bancada federal do Pará, "Ser literato não constituía, portanto, no seio de minha gente, vergonha nenhuma nem compromisso algum com a existência em carne viva que tem fatalmente que ser a de quem escreve." (ANDRADE, 1976, p. 10)

A figura exemplar do tio-escritor faz com que a vocação literária de Oswald de Andrade seja bem assimilada pela família. Inglês de Sousa é referência fundamental nas recordações do autobiógrafo; ao selecionar sua figura, Oswald deseja compor uma história em que o importante não é saber quem foi o escritor, mas, sim, como se tornou escritor. É nesta evocação que se está construindo uma identidade narrativa.

As reminiscências tomam um novo rumo ao trazer a representação dos lugares por onde Oswald de Andrade passou ou habitou. Os lugares da memória são uma estratégia privilegiada na construção das memórias oswaldianas. A história vai sendo ampliada na tentativa de reconstruir o espaço vivido.

Oswald de Andrade não tem, na infância, grandes deslocamentos no espaço, vivendo sempre na cidade paulistana. A primeira casa da lembrança é a grande casa de esquina da rua Barão de Itapetininga, numa São Paulo pacata e bucólica de poucas construções, onde prevalecia o casario baixo e acanhado ou um ou outro sobrado de um só andar e as praças estreitas e irregulares. São Paulo com seus bondes de tração animal e

os tálburis estacionados no largo da Sé. Na pacata rua Barão de Itapetininga todos se conheciam e as pessoas ficavam conversando nas janelas ou sentadas nos jardins. Assim descreve Oswald de Andrade a São Paulo de sua infância:

O viaduto mirrado, de ferro, ligava o bairro onde morávamos ao centro da cidade, à rua Direita, por onde se ia à Sé. Por debaixo da estreita ponte, floriavam canteiros de lírios na chácara enorme da Baronesa de Tatuí. Havia estudantes no Largo de São Francisco, onde se erguia um casarão conventual que era a faculdade de Direito. (ANDRADE, 1976, p. 11)

Era nas noites sossegadas que se ouvia o apito dos "urbanos" e, aos poucos, a criança ia aprendendo a conhecer a topografia da cidade em que vivia. Ao mesmo tempo, o autobiógrafo nos conta a história de São Paulo. Na medida em que a cidade é o elemento de motivação das recordações do escritor, ela parece deixar de ser um simples cenário para tomar ares de personagem com as descrições de suas ruas e ladeiras, do surgimento das primeiras mudanças que vão transformar a morna cidade provinciana. Cada espaço revisitado é suficiente para desencadear um processo de recordação que pode trazer de volta uma São Paulo inimaginável nos dias atuais. Suas memórias oferecem um passeio por um lugar que ainda desconhece o crescimento vertiginoso que em pouco tempo tomaria conta da cidade.

A infância de Oswald de Andrade é marcada pela expansão da economia cafeeira que promoveu a prosperidade paulista. Na representação do espaço, o escritor seleciona um acontecimento que representou um símbolo de desenvolvimento na cidade de São Paulo: as primeiras linhas de bondes elétricos, que fizeram com que os antigos veículos puxados a burros desaparecessem para sempre. O grandioso empreendimento trazido pela companhia canadense *Light* fomentava a curiosidade da população pelo "misterioso negócio de eletricidade", que, mesmo antes da inauguração, já enchia as ruas da pequena São Paulo de fios e postes e dava à cidade um aspecto de revolução. Quando "O veículo amarelo e grande ocupou os trilhos no centro da via pública" (ANDRADE, 1976, p. 36), tal feito tornou-se o grande acontecimento que trouxe ares de modernidade à cidade que ainda convivia com acendedores de lampião que passavam com suas varas acendendo os acetilenos da iluminação pública. Enquanto reconstitui o seu passado, o autobiógrafo também apresenta um painel da vida brasileira do início do século XX. Deste modo, o bonde elétrico representa uma inovação que se estende para outros elementos que começam a aparecer na cidade como sinônimos de avanço e de modernidade. O bonde mudou a paisagem, deixando antever um sentimento

generalizado de progresso e velocidade. Esse flagrante de transformação espacial foi o embrião de uma nova ordem urbana. Aos poucos, a cidade viu desaparecerem as marcas de seu casario e de suas chácaras.

Longe de ser um relato nostálgico e autocomplacente, a representação do mundo infantil de Oswald de Andrade nos mostra muito de solidão. Depois das descobertas sexuais, o autobiógrafo nos apresenta sua segunda descoberta, a de ser filho único: "Soube cedo que era filho único, que perdera um irmãozinho que não me lembro de ter conhecido." (ANDRADE, 1976, p. 8) Assim, brilha sozinho entre seus pais e as poucas pessoas que faziam parte do círculo doméstico. É também na solidão da casa silente e calma com a ausência de crianças que o menino ensaia seu projeto de escritor: "Nas noites quietas, meus pais deitavam-se cedo. Eu procurava, sentado à mesa, ensaiar num caderno a minha nascente literatura sem motivos." (ANDRADE, 1976, p. 22)

Ampliando os limites da casa materna, surge um elemento espacial relevante: a escola. Em suas memórias, quando Oswald de Andrade dedica-se à infância pouco explora os espaços fora dos limites da casa. Ele não se descreve como "um menino de rua"; ao contrário, é recolhido em sua casa ou nas brincadeiras no quintal que encontramos a maioria das reminiscências infantis do narrador. De modo natural, o primeiro espaço público vivenciado pelas crianças costuma ser a escola. Para o menino que, supostamente, vive "pregado à barra da saia da mãe", como se dizia tempos atrás, a escola é um espaço desafiante para quem não está acostumado ao convívio com um grupo estranho ao familiar.

Aos seis ou sete anos Oswald de Andrade é matriculado na Escola Modelo Caetano de Campos, primeira escola normal do Estado de São Paulo. O narrador lembra com simpatia das primeiras mestras, porém destaca o professor ateu Seu Carvalho, que protagonizou uma cena inusitada: "...ele tivera a audácia de afirmar em aula que Deus era a Natureza." (ANDRADE, 1976, p. 17) O ateísmo do professor é rapidamente denunciado pelo menino à sua mãe e, então, ela o retira daquele "antro de perdição". Segundo o autobiógrafo, este fato surge na narrativa como uma "salvadora denúncia" e percebemos que a escola não se revela acolhedora, o que é confirmado quando o escritor se refere ao comportamento dos coleguinhas de turma: "O que eu detestava não era o apressado e teso spinozista Seu Carvalho. Eram os meninos que me chamavam de *curumiro*, porque eu denunciara um que por pouco não esmagava meu dedinho no portão de ferro." (ANDRADE, 1976, p. 17)

A escola não é o ambiente seguro da casa dos pais. A cena selecionada mostra uma experiência envolta em agressões, insultos e intimidações. Recuperar os primórdios de sua educação escolar é lembrar de fatos desagradáveis que fazem com que a criança não tenha o desejo de frequentar a escola. Pouco vocacionado para as práticas esportivas, o menino "gordinho e refratário" fugia constantemente das aulas de ginástica, bem como das solenidades e festas em que, uma vez, quiseram obrigá-lo a recitar poemas à professora.

Num quadro assim descrito, o aborrecimento do menino tímido devia ser grande. Ele, no entanto, conseguia escapar às aulas com uma estratégia burlesca: "Eram os horários cheios de que eu conseguia escapar com ânsias de vômito na saída matinal para a aula - Oswaldinho está doente! – Lá ia eu para a cama em vez de ir para a escola." (ANDRADE, 1976, p. 18)

Mas, ao descrever esses primeiros tempos de escola, uma lembrança menos amarga permaneceu em sua memória. É nos versos do Hino à Proclamação da República que ouvia na escola que o adulto autobiógrafo encontra elementos que evidenciam uma de suas principais preocupações e objeto constante de reflexão:

Mas alguma coisa ficou de imenso em minha alma de criança, daquele edifício limpo, branco, higienizado. Foi o canto dos alunos que me embriagava. As vozes claras cantavam confusamente a palavra Liberdade. E diziam:

"Das lutas, na tempestade,
Abre as asas sobre nós."

Esse clarão presidiu até hoje a toda a minha vida. Como poucos, eu cheguei às lutas e às tempestades. Como poucos, eu amei a palavra Liberdade e por ela briguei. (ANDRADE, 1976, p.18)

A consciência do memorialista faz com que o menino, enquanto personagem, mescle-se com o adulto, e é dessa mistura que ele tem o critério crítico para enxergar com os "olhos livres" tudo que ocorre em sua volta. O escritor, ao refazer o mundo infantil em que viveu, não abandona uma característica extremamente relevante, que é seu ideal de liberdade. Assim, o *eu* que narra, quando trata das impressões causadas pelos acontecimentos revividos pela memória, faz com que estas experiências se ampliem, trazendo uma imagem que só é possível no presente: de um homem e sua sincera devoção à liberdade.

Entretanto, no meio deste quadro, há um professor que quando o autobiógrafo olha para trás, provoca uma mudança no tom da narrativa.

Não é uma recordação ressentida e sim uma admiração o que encontramos na figura amiga do professor Gervásio de Araújo. Diferente de outros professores de português, que consideravam péssimas suas composições escolares, o professor de literatura Gervásio de Araújo anunciava calorosas referências ao seu nome e as suas composições: "Ele declarava, mostrando as minhas composições, que eu possuía uma decidida vocação literária e que, como escritor, saberia honrar meu país." (ANDRADE, 1976, p.46) Estimulado com a opinião do mestre, o autobiógrafo confessa que: "O professor Gervásio de Araújo veio decidir da minha vida intelectual. Talvez deva realmente a ele ser escritor." (ANDRADE, 1976, p. 43)

É nos episódios selecionados que o autobiógrafo busca se constituir não só como personagem, mas como alguém que faz de sua própria vida uma história coerente com o presente em que está narrando.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Oswald. *Um homem sem profissão*: Sob as ordens de mãe. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

FONSECA, Maria Augusta. *Oswald de Andrade*: biografia. São Paulo: Globo, 2007.

MOLLOY, Sylvia. *Vale o escrito*: a escrita autobiográfica na América Hispânica. Chapecó: Argos, 2003.